

Sarney A viagem ao México

OSVALDO PERALVA

A viagem do presidente José Sarney ao México deve ser saudada e inscrita no campo das relações diplomáticas. A notícia de que buscará reativar o comércio bilateral, como um dos objetivos principais, é uma falácia, que desfocaria a imagem do Chefe de Estado, como se se tratasse de um caixeiro-viajante.

Os contatos pessoais entre governantes dos diversos países é hoje em dia uma prática habitual e salutar, dada a complexidade das questões internacionais, nem sempre passíveis de ser resolvidas através dos diplomatas de carreira.

Os altos burocratas, em sua hipocrisia oficial, preocupam-se sempre, no entanto, em reservar para as assinaturas dos chefes de Estado ou de Governo alguns tratados de maior ou menor importância, concebidos, elaborados e fechados antes, de maneira a dourar a viagem com a aparência de resultados práticos.

Não é por aí que se afere o valor desses empreendimentos. O estreitamento pessoal de laços entre dois governantes, o aumento do grau de confiança entre eles, a abertura de uma picada para o encontro comum de soluções para problemas comuns, tudo isso vale muito mais do que o eventual acréscimo na balança comercial.

Para a sofrida América Latina, a possibilidade de entendimentos mais cordiais, mais firmes, mais ajustados entre o Brasil e o México, é extremamente relevante. Os dois países, mais a Argentina, constituem o grande mercado do



subcontinente, tendo alcançado os índices mais altos de desenvolvimento econômico da região. Não por acaso o Japão, a braços com um superavit comercial superior a cem bilhões de dólares no ano passado, pensou logo em destacar trinta bilhões para emprego nas três nações.

Sob pressão dos próprios banqueiros, mas sobretudo, decerto, sob a pressão dos banqueiros norte-americanos, os japoneses apresentaram uma exigência, que agora parecem dispostos a retirar, de forçar os eventuais receptores desses investimentos a submeter-se de novo ao figurino do FMI.

A experiência mexicana, nesse campo, foi um desastre. Vale lembrar mais uma vez que em agosto de 1982 o México declarou moratória em sua dívida externa, a segunda maior do mundo, perdendo apenas em valor para a brasileira. A comunidade

financeira internacional, em pânico, decidiu ajudá-lo com um programa de emergência, ditado pelo FMI.

Os resultados foram catastróficos: perdidos mais de um milhão de empregos, o poder aquisitivo dos salários reduzido em quarenta por cento entre 1982 e 1984, centenas de empresas particulares na falência, projetos governamentais suspensos. A experiência brasileira, menos dolorosa, seguiu no mesmo rumo.

É compreensível que uma união dos devedores latino-americanos em torno dos dois maiores, dentre eles, não será vista com bons olhos nem de braços cruzados pelos credores, que dispõem de muitos meios de pressão sobre os mais fracos. O fator confiança pessoal, em semelhantes situações, pode tornar-se decisivo.

O México tem com os Estados Unidos um relaciona-

mento especial, que também precisa ser levado em conta. Fatos históricos tornaram chelo de susceptibilidades seu relacionamento. Em 1845, o Texas, dominado por colonizadores norte-americanos, separou-se do México, sendo depois anexado aos EUA. A anexação provocou uma guerra. Derrotado, o México assinou um tratado cedendo metade do território nacional aos Estados Unidos.

Porfirio Díaz expressou o ressentimento de seus patrícios na frase: "Pobre México, tan lejos de Dios y tan cerca de los Estados Unidos".

Mas as relações oficiais são amistosas, e os laços econômicos, poderosos. Quando, cumprindo o programa do FMI, caiu em um terço o comércio do México com os EUA, o presidente Ronald Reagan informou que isso havia provocado mais duzentos mil desempregos no mercado de trabalho norte-americano.

Por todas essas razões, a presença do Presidente do Brasil no México é, em si mesma, relevante e delicada.

Delicada porque os temas em pauta transbordam do campo meramente bilateral para as complexas questões latino-americanas e mesmo continentais, afetando interesses da maior potência do mundo.

Importante porque são dois parceiros com vastas possibilidades de um desempenho comum e bem-sucedido no campo das relações políticas e financeiras internacionais.

A viagem tem esse significado. E vale por isso.